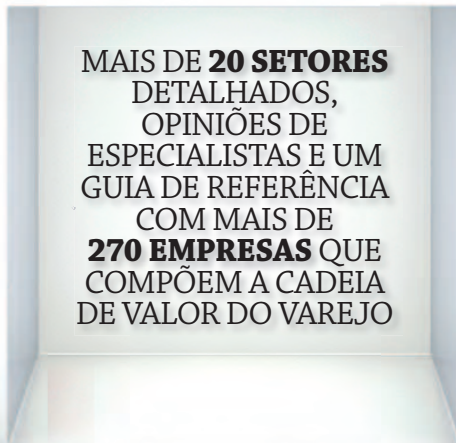


NO VAREJO

O mais importante no varejo para os mais importantes do varejo

EDIÇÃO
ESPECIAL

grupo
padrão



CLASSE C, DE CONSUMO

A NOVA CLASSE MÉDIA, MAIORIA NO BRASIL, É RESPONSÁVEL POR SUSTENTAR NOSSA ECONOMIA E PROVOCA MUDANÇAS IMPORTANTES NO MERCADO. O ECONOMISTA MARCELO NERI ENUMERA FATORES PARA MANTER O OTIMISMO LÁ NO ALTO

por Thiago Borges

“E A CRISE, RAPAZ?”. 2009 FOI O ANO EM QUE BANCOS NORTE-AMERICANOS E EUROPEUS FALIRAM, países desenvolvidos entraram em colapso e uma horda de trabalhadores foi parar na sarjeta. Para um milhão de brasileiros, porém, talvez tenha sido o melhor ano de suas vidas. Eles saíram da pobreza e foram direto para o varejo realizar sonhos de consumo vendidos pelo capitalismo, como computadores, celulares e máquinas de lavar. “Não tem essa de crise aqui, não”, responderia o hoje integrante da tal “nova classe média”.

Marcelo Neri, economista-chefe do Centro de Pesquisas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), aponta que mesmo que o PIB brasileiro tenha diminuído 1,5% no ano passado, a renda da população aumentou 2,04%. Mesmo durante a crise, a capacidade de consumo aumentou 2,49%. Os dados constam no estudo “A nova classe média brasileira: o lado brilhante dos pobres”, feitos com base

na Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio (Pnad) de 2009.

Neri explica que, diferentemente de outras turbulências – em que quem estava na base da pirâmide sofria mais – dessa vez foi diferente. Indústrias e instituições financeiras, mais dependentes do capital estrangeiro, sofreram mais. O cidadão comum atravessou o mau tempo numa boa.

Além dos que deixaram de lutar para sobreviver para, enfim, viver, 3,2 milhões de pessoas passaram para a classe C. São as famílias queridinhas do mercado, com ganhos entre R\$ 1.126 e R\$ 4.854 ao mês. Entre 2003 e 2009, foram 29 milhões de brasileiros que passaram para esse grupo emergente – que hoje equivale a 50,5% da população (94,5 milhões). Se considerar aqueles que hoje integram as classes A, B e C, 35,7 milhões melhoraram de vida. Esse povo é responsável por 46,26% do consumo no País, aspecto em que também ele é maioria.

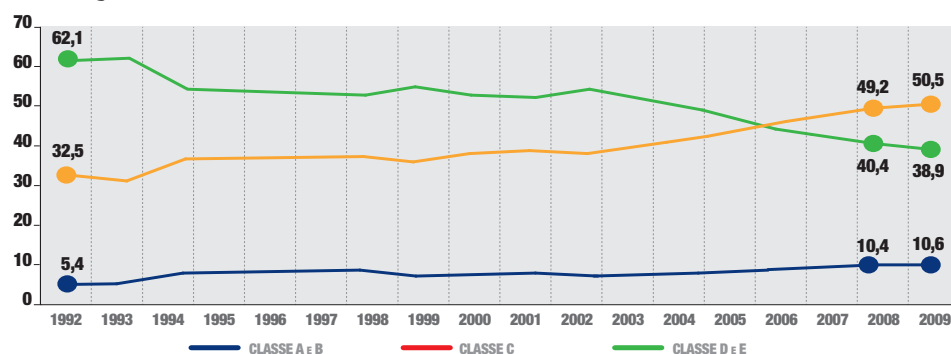
Tem justificativa. Além dos programas sociais, como Bolsa Família, e os benefícios previdenciários, a criação de empregos formais é a grande responsável pelo impulso à economia. Segundo Neri, o trabalho responde por 70% do aumento da renda e por dois terços da queda de desigualdade. Como resultado, os empresários se mantêm otimistas e abrem ainda mais vagas. “A CLT é o grande símbolo da nova classe média brasileira”, diz.

DESIGUALDADE EMINENTE

O melhor momento da economia brasileira reflete um bolo que cresce e é dividido entre todos. Em sete anos, 20 milhões deixaram a pobreza; 28 milhões ainda estão na classe E. Apesar de quase atingir seu menor nível de desigualdade desde o início dos registros, em 1960, o Brasil ainda está entre os dez países mais desiguais do mundo e levaria 30 anos até chegar ao nível dos Estados Unidos nos dias de hoje.

Neri diz que R\$ 9,20 investidos por mês em políticas públicas seriam suficientes para aliviar esse quadro. Ele não arrisca uma data para o fim da pobreza no Brasil, porém prevê que em cinco anos será reduzida à metade do que é atualmente. E quando isso acontecer, melhor para o varejo. “A grande vantagem do pobre é que ele tem muitas demandas insatisfeitas, por isso ele gasta mesmo sua renda, o que mantém a economia girando”, conclui. □

EVOLUÇÃO DAS CLASSES ECONÔMICAS



Para conferir a pesquisa na íntegra, acesse www.fgv.br/cps/ncm/